



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Gabriela de Oliveira Branco

**A ESCRITA DE CARTAS NO PROCESSO (DES)FORMATIVO DE MULHERES
NAS CIÊNCIAS: UM OLHAR PARA AS SINGULARIDADES E SUBJETIVIDADES**

Sorocaba

2021

Gabriela de Oliveira Branco

**A ESCRITA DE CARTAS NO PROCESSO (DESF)FORMATIVO DE MULHERES
NAS CIÊNCIAS: UM OLHAR PARA AS SINGULARIDADES E SUBJETIVIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba.

Orientação: Profa. Dra. Carolina Rodrigues Souza

Sorocaba

2021

Modelo de ficha catalográfica

<http://www.sibi.ufscar.br/servicos>

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS****COORDENAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS LICENCIATURA NOTURNO SOROCABA - CCCBLN-So/CCHB**

Rod. João Leme dos Santos km 110 - SP-264, s/n - Bairro Itinga, Sorocaba/SP, CEP 18052-780

Telefone: (15) 32296137 - <http://www.ufscar.br>

DP-TCC-FA nº 1/2021/CCCBLN-So/CCHB

Graduação: Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Curso**Folha Aprovação (GDP-TCC-FA)****FOLHA DE APROVAÇÃO****Gabriela de Oliveira Branco****A escrita de cartas no processo (des)formativo de mulheres nas ciências: um olhar para as singularidades e subjetividades.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do grau de licenciado(a) em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de São Carlos - *campus* Sorocaba.

Sorocaba, 31 de maio de 2021.**ASSINATURAS E CIÊNCIAS**

Cargo/Função	Nome Completo
Orientadora	Carolina Rodrigues de Souza - Universidade Federal de São Carlos - <i>campus</i> Sorocaba
Examinador	Fabício do Nascimento - Universidade Federal de São Carlos - <i>campus</i> Sorocaba
Examinadora	Bárbara Cristina Moreira Sicardi Nakayama - Universidade Federal de São Carlos - <i>campus</i> Sorocaba

Documento assinado eletronicamente por **Fabício do Nascimento, Professor(a) Efetivo(a)**, em 03/06/2021, às



13:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carolina Rodrigues de Souza, Professor(a) Efetivo(a)**, em 08/06/2021, às 09:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufscar.br/autenticacao>, informando o código verificador **0403030** e o código CRC **B0ACE7F1**.

Referência: Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº 23112.009891/2021-31

SEI nº 0403030

Modelo de Documento: Grad: Defesa TCC: Folha Aprovação, versão de 02/Agosto/2019

DEDICATÓRIA

*A todas que compartilham da trajetória e vivem a luta. Seguimos juntas pela
educação e ciência*

AGRADECIMENTO

Sempre convivi com mulheres, só a minha mãe tem 5 irmãs. Sempre me enxerguei muito nelas, assim como nas professoras, amigas, artistas e tantas outras que passaram pelo meu caminho, então não faria sentido o primeiro agradecimento deste trabalho ser direcionado a outras pessoas se não essas mulheres. Um agradecimento em especial a minha mãe, que sem dúvidas teve papel fundamental nesse trilhar e a professora Carolina Souza que permitiu tantos encontros e possibilitou que eu me visse na pesquisa, algo que sempre foi tão desafiador para mim e mexeu com tantos sentimentos. Agradeço também as mulheres que possibilitaram esse trabalho com a escrita das cartas, promovendo encontros e impulsionando pensamentos.

Além disso, agradeço também ao meu pai por sempre acreditar e ao meu irmão Leonardo pela chance de tê-lo próximo a mim e compartilhar a vida.

Meus professores de graduação pelo conhecimento e exemplo de profissional.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a minha principal rede de apoio nesses 4 anos fora de casa, em que por tantas vezes tive a dificuldade de me sentir parte e não saber para onde correr, a corrida no começo, meio e fim sempre era com vocês: ao Rafael que esteve comigo desde o primeiro dia em que pisei na UFSCar e nosso laço permanecer vivo, à Samara, minha companheira de casa e amiga do peito, ao Raphael, o calouro que adotei e se tornou alguém tão especial, ao Patrick que sempre terá a minha admiração pela sua garra. Aos amigos que não estiveram presentes fisicamente, mas mesmo de longe acompanharam a minha caminhada: a Giovana, por crescermos juntas, ao Caio e Alan por serem exemplos de pessoa e amizade.

É no encontro que nossa existência faz sentido. Agradeço não apenas aos que citei, mas a todos os outros que estiveram na minha jornada, por darem sentido a minha existência.

RESUMO

O trabalho de conclusão de curso em questão incentivou alunas de uma disciplina de Orientação de Estágio em Ciências em um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na UFSCar campus Sorocaba a escrita de cartas pedagógicas. Em um curso onde pouco se pensa quanto as subjetividades e emoções, a escrita de cartas permitiu aproximar mulheres do seu processo de formação docente e trajetória acadêmica, revelando como enxergam seus próprios corpos nesse espaço a partir das suas experiências individuais. A escrita de cartas, mesmo que com um destinatário, possibilita também a escrita de si, dessa forma, os relatos permitem que façamos reflexões acerca da construção do espaço científico, problematizando esse meio quando trazemos á tona os corpos que o compõem e o que a racionalidade da ciência impede que seja dito sobre eles.

Palavras-chave: cartas pedagógicas; mulheres; formação docente.

SUMÁRIO

1. UMA MULHER NO CORPO: GABRIELA E PARTE DOS SEUS PROCESSOS (DES)FORMATIVOS NA CIÊNCIA	13
2. MULHERES NAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, EXATAS E TECNOLOGIA.	15
3. A FORMACAO DOCENTE E AS CARTAS PEDAGÓGICAS.....	18
4. OS CAMINHOS DE ESCUTA, PARTILHA E ENCONTROS.....	20
4.1 Sobre um curso que convida à escrita de cartas... ..	21
4.2 As cartas	23
4.3 Os encontros com as mulheres das/nas ciências biológicas	24
5. SAUDAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS.....	33
ANEXO A – PROPOSTA DE ATIVIDADE FINAL DA DISCIPLINA DE ORIENTAÇÃO DE ESTÁGIO EM CIÊNCIAS	35

1. UMA MULHER NO CORPO: GABRIELA E PARTE DOS SEUS PROCESSOS (DES)FORMATIVOS NA CIÊNCIA

O trabalho em questão conversa com todo um processo de se descobrir mulher e toda construção social, política e filosófica que perpassa esse caminho. Encontra-se nesse processo os reflexos das vivências da autora e suas reflexões acerca dos lugares da diversidade e a representatividade quando trazemos à tona a pauta da Ciência e da comunidade acadêmica.

Quando penso nos caminhos que trilhei, que me guiaram enquanto mulher, percebo o quanto a busca pela perfeição esteve presente na minha vida e tal fato está longe de significar que me considero alguém perfeita, mas que durante todo o meu processo fui cobrada a ser. Será essa uma cobrança da Gabriela ou da mulher em corpo Gabriela? Como se dá a trajetória de outras mulheres em seus diferentes percursos? Apresentarei esse trabalho de conclusão de curso no próximo capítulo, mas já adianto que desenvolvê-lo foi um encontro comigo mesma e com mulheres, que como eu expressam em seu caminhar um modo de existência, nem melhor nem pior, mas a percepção da dificuldade de uma multiplicidade de formas de ser e estar no mundo, nessa proposta de mulher em corpo.

No auge da minha quase formação em Ciências Biológicas, me questiono o que me levou a escolher, continuar e seguir com tal profissão. A escolha certamente veio do anseio de achar que eu poderia trazer impactos, fosse por meio do meio ambiente ou pela educação; o motivo por continuar é o que mais me intriga. Durante a graduação descobri que haviam muitas possibilidades, entre essas, estava a pesquisa e o fazer ciência e tais opções fizeram meus olhos brilhar. Porém foi por curto espaço de tempo. Logo chegou até mim que fazer ciência não era para qualquer um e ser mulher e estar neste lugar só poderia ocorrer diante de algumas condições.

Por 4 anos busquei por um lugar nesse trilhar do curso. Na pesquisa ouvi “não” diversas vezes. Essa busca sempre veio junto a uma rotina exaustiva de alguém que morava fora e sempre precisou trabalhar, mas que frequentava grupos de estudos e laboratórios porque acreditava que tinha que encontrar um lugar. Mas rapidamente me fizeram entender que ali “não era meu lugar”. E me encontrei em outros lugares, que me cabiam, assim como para outras mulheres das/nas ciências.

Ainda sob um olhar individual, posso dizer que as práticas discriminatórias que vivi no mundo acadêmico, não se diferenciam muito da passagem que inclui a Gabriela na infância, na adolescência e na vida adulta, a mãe da Gabriela e outras mulheres que cruzaram caminho da Gabriela. E o que é a pesquisa se não um constante questionamento? Uma inquietação movente dos corpos? Por que então que eu não poderia fazer pesquisa?

O desenvolvimento desse trabalho de conclusão de curso vai ao encontro também deste questionamento. Descobri que posso. Aqui talvez esteja a maior revelação deste percurso. Nesse trilhar também me encontrei com o pensamento de que a mulher não é o objeto dessa pesquisa e sim o encontro com ela(s), já que o que de fato é ser mulher.

A potência vivida enquanto pesquisadora na construção desse trabalho, se deu no momento em que abri o meu caminho para outras possibilidades que não sejam apenas relacionadas ao fato de eu não poder estar ali, “no lugar” socialmente caracterizado como da Ciência, mas da possibilidade de estar “em lugares” fazendo ciência. Há mulheres nos laboratórios, no desenvolvimento de vacinas, de novos produtos, na luta por uma educação de qualidade e inclusiva, na discussão de gênero, na bioquímica, na física, na matemática, na educação e se faz importante que possa haver mulheres onde elas desejam estar. E para isso, me propus a escutar mulheres.

Nas páginas a seguir apresentarei essa experiência de escuta e encontros. No capítulo 1 discorre sobre as Mulheres nas Ciências Exatas, Biológicas e Tecnologias. Em seguida, no capítulo 2, uma breve discussão sobre o campo de formação de professores, já que a pesquisa ocorre no espaço de formação de licenciandas em ciências biológicas. No capítulo 3, apresenta a metodologia do trabalho, que elegeu as cartas pedagógicas como estratégia de escuta, partilha e encontros com essas mulheres. Nas páginas a seguir apresentarei essa experiência de escuta e encontros. Num primeiro momento o trabalho apresenta uma discussão, com base na literatura sobre as Mulheres nas Ciências Exatas, Biológicas e Tecnologias. Em seguida, uma breve discussão sobre o campo de formação de professores, já que a pesquisa ocorre no espaço de formação de licenciandas em Ciências Biológicas. No capítulo 3, apresento a metodologia do trabalho, que elegeu as cartas pedagógicas como estratégia de escuta, partilha e encontros com essas mulheres. Em seguida, o texto

apresenta e discute os encontros com as cartas de mulheres, com foco nas singularidades e subjetividades desses corpos, num processo que optamos por chamar de (des)formativo de mulheres nas ciências. Por fim, numa espécie de saudações finais, terminamos esse tempo, narrando os pensamentos que esse trilhar pulsou na mulher pesquisadora Gabriela.

2. MULHERES NAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, EXATAS E TECNOLOGIA.

Dentro do ambiente acadêmico, principalmente nas áreas e temáticas mais próximas as Ciências Exatas, Biológicas e Tecnologias, é comum encontrar predominância de corpos masculinos para essas carreiras acadêmicas e vozes ecoam cotidianamente, dentro e fora do ambiente acadêmico, ressaltando essa ideia de distanciamento das mulheres desses campos de atuação. Lugar de mulher não é na pesquisa, nos laboratórios, nos congressos e até mesmo na sala de aula, são frases conhecidas em nossa sociedade. Além do mais, a predominância masculina nesses espaços, revela estereótipos e intensifica padrões enraizados, oprimindo a diversidade e as possibilidades.

Lourdes Bandeira (p. 208, 2008) elenca tal fato, ao nos apresentar os dados:

Em relação ao número de bolsas de produtividade em pesquisa, na categoria Pé 1-A (equivalente a pesquisador/a nível 1-A), o total é de 1.081 em 2006, sendo 29,9% (249) de pesquisadoras e 70% (832) de pesquisadores homens nas diversas áreas de conhecimento. Porém, destaca-se que a distribuição das pesquisadoras está na grande área de Ciências Humanas (67), seguida pelas Ciências Biológicas (50) e Linguística, Letras e Artes (40), apenas seis estão nas Engenharias. Ao contrário, em relação à distribuição dos pesquisadores masculinos, a maior concentração está na área das Ciências Exatas e da Terra (192), nas Ciências Biológicas (169) e nas Engenharias (142).⁴ Os dados evidenciam a escassa presença ainda hoje de pesquisadoras sobretudo nas áreas das Ciências Exatas, o que caracteriza como as atividades da pesquisa científica, ainda, estão configuradas primordialmente por relações sociais e por marcas culturais sexistas. (BANDEIRA, p. 208, 2008)

É possível destacar que o interesse por alguma área é um produto de um contexto social em que estamos inseridos. Há um ambiente machista e misógino e quando se trata de ciência, não deve ser diferente. Lima (2008, apud Schiebinger 2001, p. 76) cita a exclusão de mulheres na ciência a partir dos fenômenos chamados

de “teto de vidro”, para a autora, essa exclusão ocorre em um contexto de áreas de conhecimento, tal como nos topos das carreiras científicas e “labirinto de cristal” no qual destaca as barreiras encontradas pelas cientistas a partir do momento que resolverem se integrar ao mundo científico. A autora ainda questiona sobre a perspectiva que é muito trazida com relação a mulheres já terem todas as oportunidades para conquistarem seu espaço no mundo moderno e problematiza se isso é algo que de fato podemos considerar real.

Chassot (2004, p.11-22) apresenta essa análise social e histórica, de como essa ciência machista se constrói ao longo do milênio, com base em nossa ancestralidade e, mesmo na modernidade, essas premissas ainda se fazem presente. O autor destaca que na maioria das vezes a escolha de mulheres por suas carreiras profissionais e inserção no mercado de trabalho está pautada no ato de cuidar, dado como inerente à mulher e a direciona para profissões que possuam tal relação. Aqui podemos exemplificar as áreas correlatas a educação ou saúde. Tal fato passa a ser uma problemática quando mulheres que tendem a outros interesses são acometidas a um ambiente que historicamente não as incentiva. Ao buscar transgredir a esse padrão social, são, muitas vezes cobradas mudanças de comportamento, numa aproximação de uma forma “masculina” de ser e estar no mundo.

Sabendo que a ciência e sua construção histórica se faz com base no sexismo e no homem branco como sujeito principal, mulheres lutam contra o sistema ao se inserirem no campo científico e essa luta exige muita resistência, mesmo em tempos modernos como o que vivemos, mas que ainda se faz muito presente apesar do número significativo desses presentes nas áreas acadêmicas. Silva e Ribeiro (p. 457, 2011) trazem tal análise:

Com tais considerações, cabe destacar que o entendimento da ciência como uma construção social e histórica através do poder implica em decisões sobre o que conhecer e como, por que ou para que conhecer, quais as formas de se produzir conhecimento. Além disso, ao entendermos a ciência como a “grande narrativa” da modernidade, estamos enfatizando o papel constituidor da linguagem na produção dos discursos sobre a ciência, sobre o que a ciência pode e deve fazer e, principalmente, sobre quem pode e quem não pode fazer ciência. (SILVA; RIBEIRO, p. 457, 2011)

Valentova et al. (2017) discutem em seu estudo que mesmo que as mulheres tenham conquistado um espaço de extrema relevância no meio científico acadêmico,

quando trata-se da distribuição de bolsas de Produtividade de Pesquisa do CNPq (Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico) ainda encontramos um cenário desigual principalmente no que se diz aos níveis mais altos na academia, como doutorado e pós doutorado e principalmente nas áreas de ciências exatas, revelando que não somente existe uma problemática no contexto do ingresso das mulheres como também na permanência dessas e na continuidade de suas pesquisas. A pesquisa observou um total de 13,6 mil bolsas do CNPq e 899 membros ativos da Academia Brasileira de Ciências.

Os dados relativos ao campo das Ciências Naturais, Exatas e Tecnológicas nos revelam um fato que não é novo: a construção desses campos tem se dado de forma desigual quando pensamos em representatividade. As mulheres ainda pouco “fazem ciência” nessas áreas.

Imersa nesse cenário de pesquisa e leituras, passei a constatar uma tendência no campo das discussões de gênero no campo das C&T, em trazer a mulher como objeto de pesquisa com foco nas experiências negativas que esses corpos vivem nas relações com o campo da ciência e tecnologia (LIMA; BRAGA; TAVARES, 2016), (TUESTA; DIGIAMPIETRI; DELGADO; MARTINS, 2019). Um número reduzido de pesquisas, se debruçam sobre discussão de gênero não com a mulher como objeto de pesquisa, mas sim no encontro com as mulheres e suas multiplicidades de possibilidades no interior das ciências exatas, o que de certa forma, norteou o recorte e o trilhar dessa pesquisa.

Uma palavra muito comum e quase sempre se associa a mulheres é o “empoderamento”, CARVALHO e col. (s.d) discutem tal termo em um trabalho que traz a perspectiva de mulheres que vivenciam a área acadêmica e muitas vezes são obrigadas a passar por cima de ofensas e práticas discriminatórias e sexista por serem consideradas mulheres empoderadas:

No entanto, driblando as relações de gênero, que são relações de poder, Beatriz seguiu enfrentando as barreiras na Física que, segundo ela, serviram de estímulo para suas conquistas, demonstrando ser uma mulher empoderada. O empoderamento é a capacidade que os indivíduos adquirem de fazer escolhas e tomar decisões sobre seu destino com “consciência, habilidades e competência para produzir, criar e gerir” (SILVA, 2009, p. 22). Desta forma, ela não se deixou abalar nem mesmo quando sofreu uma das piores experiências no curso de Física, o assédio sexual. (CARVALHO e col; s.d.)

Torna-se necessário pensarmos: até que ponto esse empoderamento da potência a essas mulheres? Acreditar que mulheres devem lutar constantemente para terem os seus direitos garantidos passando por cima de toda e qualquer ofensa que as atinja enquanto mulher e pessoa é na verdade fortalecer uma briga pelo poder e a ideia de que precisamos constantemente provar algo. É importante então problematizar essa ideia de empoderamento e permitir que mulheres possam não ser ou ser, entendendo que cada experiência é singular.

Dessa forma, o presente trabalho se volta a se aproximar dos caminhos que esses corpos traçam, as histórias que elas nos contam. O objetivo do trabalho é elencar possibilidades de dualidades no campo da C&T: racionalidade versus emoção; objetividade versus subjetividade; mente versus matéria/corpo. No campo científico é permitido sentir? Como a educação científica contempla ou pode contemplar as subjetividades dos/as estudantes? Falar sobre o que não se vê? Trazer discussões para além de autores, equações e metodologia de pesquisa seria uma forma de harmonizar o ideal da objetividade científica com as subjetividades humanas? Que ações podem ser empreendidas no âmbito da educação em Ciências, que contribuem para o convívio com a diferença, entendendo aqui a mulher na ciência e tecnologia, como diferença? Essas são questões que nos rodeiam e que busco estar mais próxima de poder problematizar com esse trabalho de conclusão de curso.

3. A FORMACAO DOCENTE E AS CARTAS PEDAGÓGICAS

A proposta de escuta de vivências de mulheres nas/das Ciências Biológicas, durante seu processo formativo, nos aproximou das discussões teóricas sobre o campo da formação de professores.

De acordo com Xavier (2014), o percurso das pesquisas de formação docente, um campo de luta e interesses, a cada década passa por diferentes focos. A autora apresenta que na primeira metade da década de 70, o campo de formação de professor se construía em uma vertente tecnicista e funcionalista, com foco na exatidão, racionalização e organização. Já a partir da segunda metade da década de 70, a partir do questionamento sobre a formação docente e a influência de estudos filosóficos onde a educação se encontrava muito atrelada ao sistema político, é

possível conferir os primeiros passos para uma prática de formação focada em uma educação transformadora onde o tecnicismo dava lugar para uma escola que era capaz de reproduzir as relações sociais, deixando de ser neutra e revelando que a prática de formação do professor deveria estar em compromisso com as classes populares tendo um caráter político.

Mas foi na década de 80, que o campo de pesquisa em educação sofreu um forte impacto e foi reformulado, dando espaço à importância de professores pesquisadores e esferas relacionadas a aspectos micros sociais pensados e seguidos até a década de 90. Enquanto que em épocas passadas, a educação era pensada de maneira racional, não focada no sujeito, os anos 2000 vieram focados nas identidades por trás da formação docente: quem são? O que essas vozes podem contar? Discussões voltadas à questão de gênero, raça, etnia e poder passaram a estar presente no âmbito da educação e formação e não mais se questionava como formar professores e sim como se tornar um educador. Neste momento, racionalidade e objetividade dão lugar para as subjetividades presentes na formação de identidade.

Dessa forma, discutir as dualidades presentes no mundo acadêmico e científico torna-se importante para que possamos refletir como tais fatores nos impedem de olhar a construção da identidade sob outra ótica que tem como foco a emoção, o sentir e tudo aquilo que se esconde por trás da razão.

Em tempos de questionamentos dessa ciência pautada na racionalidade e objetividade, esse trabalho surge como uma nova possibilidade, utilizando as narrativas (auto)biográficas, procuramos compreender os caminhos que perpassam as vivências de jovens licenciandas em seu processo formativo, procurando relacionar de alguma forma traços dessas experiências com as suas trajetórias enquanto mulher.

O processo foi realizado por meio da escrita de cartas como objeto de ensino. O gênero epistolar apareceu então como uma oportunidade de discutir a formação dessa identidade do educador, problematizar as construções e compreender que desvincular a identidade própria dos indivíduos com a sua trajetória social não é possível.

Nóvoa (2014) em "Cartas a um jovem investigador", escreve sobre o gênero cartas:

O gênero epistolar pertence a um tempo que já não é o nosso, porque uma carta fixa a memória do que se diz. E hoje não se diz nada e apenas se fala, que é coisa de se cumprir e esquecer”. Numa carta, o que interessa é a relação, esse diálogo em que conversamos conosco quando nos dirigimos ao outro, ainda que seja um outro imaginário. Esta é a forma mais concreta de diálogo que não anula inteiramente o monólogo”. Uma carta permite maiores liberdades do que outros. (NÓVOA, 2014)

O ato de escrever em forma de cartas, talvez tenha relação com o que escreveu Nóvoa: uma tentativa de fixar na memória o que pensamos e dizemos através da escrita. Na própria memória e na do outro, uma tentativa de escuta e diálogo. Memória como experiência, como fonte histórica, fragmentos do vivido, de múltiplas vivências, de lembrança-esquecimento, tornando-as comunicáveis (BENJAMIN, 1987) e por fim, a liberdade que esse “formato” permite, já que nela cabem outros gêneros.

As cartas são um espaço e um suporte para a escrita narrada, quase que uma conversa e talvez também por isso, uma prática a ser apropriada, no sentido de resgatar as situações de encontro e comunicação entre as pessoas. As cartas são convites ao diálogo (conversa e escuta) e aos encontros, ainda que mediados por um suporte, seja ele um e-mail ou uma folha de papel.

Cartas são escritas nas mais diversas situações comunicativas e inscrevem os contextos, lugares, as histórias dos sujeitos e sempre em busca por uma relação direta entre quem escreve e quem lê, ainda que seja escrita para um suposto destinatário ou um destinatário incerto. Quem escreve uma carta, pressupõe a existência de um outro, ainda que um outro de si.

4. OS CAMINHOS DE ESCUTA, PARTILHA E ENCONTROS.

A pesquisa desenvolvida trata-se de uma pesquisa qualitativa. Para Freitas (2002, p. 26) os estudos qualitativos focam a perspectiva sócio histórica, ao valorizarem os aspectos descritivos e as percepções pessoais, o particular como instância da totalidade social. Para o diálogo (conversa e escuta) com as mulheres das/nas Ciências Biológicas, escolhemos as cartas pedagógicas, como recurso didático e de pesquisa, da escrita do íntimo.

Foucault (1992), em “A escrita de si”, busca na “Antiguidade as origens dos significados e as formas que adquiriram a escrita do íntimo”, definindo-a como “um exercício constante do pensamento, um aprender a arte de viver”, segundo Godoy:

Uma das formas pelas quais esse tipo de escrita se dava é a correspondência. Em seus estudos, Foucault observa que ela dá lugar ao exercício pessoal de reflexão e constituição de si mesmo, pressupondo um interlocutor. Essa característica terá importantes consequências: “a carta enviada atua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como atua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe” (p. 145). Estabelece, assim, uma reciprocidade que concebe a necessidade da ajuda alheia – através de conselhos e ensinamentos – no exercício de reflexão da alma sobre si própria, na mesma medida em que colabora para a realização do mesmo exercício no correspondente. Nesta troca, a correspondência também exerce a função da preparação de si para o mundo. (GODOY, 2010, p. 39)

As cartas foram coletadas na disciplina de ‘Orientação de Estágio Supervisionado em Ciências’, oferecida na Universidade Federal de São Carlos, no campus de Sorocaba, ocorreu no calendário emergencial, proposto pela instituição, durante a pandemia. Foi possível acompanhar quatro ofertas da disciplina: uma no ENPE – A – 2020, duas no ENPE – B – 2020 e uma no ENPE – A – 2021.

4.1 Sobre um curso que convida à escrita de cartas...

Com a pandemia ocasionada pelo Corona vírus (COVID-19) e o ensino remoto, a disciplina de Estágio e Orientação de Estágio Supervisionado, como a maioria das intervenções de ensino, precisou de novos formatos e sentidos. A ideia aqui não é descrever tais intervenções didáticas, mas destacar como chegamos às cartas pedagógicas das mulheres dos cursos de Ciências Biológicas e em que contextos elas foram produzidas.

Pensando na necessidade de abrir canais de diálogo e escuta com os estudantes, nesse momento de fragilidades e incertezas, a professora da disciplina propôs aos participantes que escrevessem cartas e nomeou a atividade de “Cartas dos Estagiários”, onde os remetentes escreveriam e escolheriam os destinatários.

Durante as quatro turmas que acompanhei, essa foi a atividade final da disciplina de Orientação de Estágio Supervisionado. O anexo- A corresponde a proposta de atividade sugerida pela professora da disciplina.

E as cartas chegaram, e com elas, mulheres nas/das ciências biológicas. Moraes e Castro (2018) trazem discussões acerca de outras formas de escrita acadêmica para além dos métodos formais que já conhecemos e demonstram a importância dessa reconstrução da produtividade que se exige na academia onde não há espaço para a pausa, para o pensar e para uma escrita prazerosa e como as cartas vem enquanto possibilidades:

Uma carta é documento, instrumento para o diálogo, prosa, comunicação mais direta, coloquial, direcionada a certo interlocutor. Há nelas um sentido ao mesmo tempo objetivo e subjetivo, coloquial e formal, prosaico e poético. No âmbito da troca de informações e de saberes, uma carta pressupõe mais diretamente uma relação entre o eu e o outro. Parece-nos que esse recurso instiga a leitura, pois remete à ideia de estarmos perscrutando, fuçando os “segredos” do remetente; uma dada carta, direcionada a destinatário específico, mas em um ambiente virtual, por exemplo, passa a se tornar pública, intencionalmente de domínio geral, com certa configuração de “carta pedagógica”. (MORAES E CASTRO, 2018)

Pensando nessa relação daquele que escreve com o outro, ou seja, o destinatário, as cartas trazem um mecanismo de escrita de si onde abrem-se espaços para que as individualidades e histórias de vida apareçam e sejam feitas conexões entre aquilo que é individual, mas também produto de um social, coletivo. Nesse sentido, a escrita das mulheres enquanto vivenciando um mesmo espaço, no caso o da universidade, em comum possibilita semelhanças entre suas trajetórias, porém com traços de singularidades.

Camargo (2000) discorre sobre o ato de escrever cartas, quais elementos visuais e de escrita encontramos nesse mecanismo, trazendo considerações de cartas de autores famosos como Mário de Andrade destinada a Manuel Bandeira, evidenciando o quanto essas cartas fazem referência ao período e contexto no qual se escreve. Além disso, traz também cartas de adolescentes enfatizando o ato da escrita saudosa, a possibilidade daquela carta além de palavras, conter um cheiro, uma foto, um pó de chocolate do brigadeiro feito minutos antes da escrita e que tecem pouco a pouco uma troca de emoção, seja a do escrever quanto a do ler.

Os destinatários das cartas recebidas na proposta de atividade foram diversos: filhos, pais, mães, companheiros, avós, professores e amigos. Entre os tons das experiências narradas encontramos alguns agradecimentos, reflexões sobre o passado, conselho para as futuras gerações e confidências. Mas alguns destinatários relacionados a instituição família se fizeram mais presente do que outros, proporcionando encontros no diálogo das cartas e revelando a fronteira existente entre o ser mulher e essa cobrança social para com esse aspecto familiar.

4.2 As cartas

Começamos então o trabalho de arquivamento das cartas dos remetentes e destinatários, catalogamos 11 cartas de mulheres que foram divididas em algumas possibilidades de diálogo: instituição família, experiências individuais e a maternidade. A faixa etária das mulheres autoras das cartas esteve entre 20 e 25 anos, seus nomes não serão divulgados no presente trabalho e as suas cartas foram lidas e discutidas mediante permissão por parte das mesmas.

Ainda sobre o recorte de gênero desse trabalho, faz-se necessário ressaltar que compreendemos a complexidade de se definir o que vem a ser mulher e da possibilidade de discursos femininos que deixamos de fora ao realizar o recorte de seleção das cartas somente pela identificação do sexo feminino.

Também se faz importante ressaltar que os/as alunos/as quando foram convidados a escrever cartas, esses não sabiam da pesquisa em curso. As cartas foram escritas num primeiro momento como recurso didático formativo da disciplina mencionada. Num segundo momento, eu entrei em contato com as remetentes das cartas e pedi autorização para usá-las nesse trabalho.

Em momento algum foi discutido com a turma conceitos de gênero e sim, a carta como recurso formativo em si. Dessa forma, a discussão do ser e estar como mulher foi construída a partir das perspectivas trazidas nas cartas. A maternidade, o corpo, as experiências relativas ao machismo na ciência foram os aspectos selecionados para o debate desse trabalho de conclusão de curso.

4.3 Os encontros com as mulheres das/nas ciências biológicas

As cartas escritas pelos estudantes atuaram, na sua maioria, como uma narrativa individual de fragmentos sociais. Ao serem convidadas a escrever sobre o processo formativo em um curso de licenciatura em ciências biológicas, seus dilemas, escolhas, questões e desabafos, as estudantes remeteram-se a uma espécie de escrita de si. Aspectos ligados às subjetividades, emoções e corporeidades emergiram nos espaços formativos.

A maternidade se fez presente em muitas das cartas. A remetente I dedica ao filho e discorre sobre a importância da educação e o quanto espera que seu filho tenha acesso a uma educação de qualidade e transformadora.

“ [...] eu sou um professor e a educação é minha arma. Tudo é muito encantador nos estudos e nas ideologias de grandes pensadores, porém a realidade algumas vezes pode ser desanimadora, e talvez seja por isso, que tantas pessoas não enxergam esse poder da educação, justamente por associarem à estrutura e os bens físicos de muitas escolas... A educação realmente transforma, queremos ofertar sempre o máximo, mas nem sempre esse máximo é cem por cento do que planejamos. Mas acredite, já é alguma coisa. Mais uma vez, a base do raciocínio é simples, quando se tem zero por cento, ou pouco por cento, a porcentagem que oferecemos, acrescida ao que se tinha antes, já é mais do que o valor inicial. No final das contas o ensino remoto veio em uma hora boa para mim, estou conseguindo conciliar a faculdade com a maternidade” (REMETENTE I)

A remetente II também dedicou a carta a uma filha e trouxe reflexões acerca do ano de 2020 e os impactos para a educação:

“Este ano atípico de 2020 foi para mim um ano meio maluco, confuso, solitário, de perdas, mas também foi um ano intenso, marcante, de muitas alegrias e também de ganhos. Foi o ano em que veio ao mundo, no meio de todo esse caos, minha filhinha Olívia. (...) pois bem, neste ano tudo foi diferente do que estávamos acostumados. O ensino teve que se reinventar de uma hora para outra para que o ano letivo não fosse perdido e de repente nossa casa virou sala de aula. Mas será que nada foi perdido mesmo? A chegada à sala de aula e com ela o “boa noite professor (a), tudo bem? Os olhos nos olhos, o aperto de mão, aquele bate papo com os amigos e até aquela comemoração de mais um fim de um semestre super cansativo, coisas que neste ano que passou não tivemos. Mas apesar da distância estamos mais perto, estamos dentro da casa de cada um a qualquer hora

com as ferramentas que a internet nos trouxe, podemos visitar museus, galerias, participar de palestras sem sair de casa, aplicativos que nos ajudam a aprender, tudo na palma da mão” (REMETENTE II)

Ainda sobre maternidade, a remetente III teve como destinatário uma futura filha e relata a influência de outras figuras na escolha de sua profissão:

“. Querida filha, Venho por meio desta carta, registrar alguns sentimentos e pensamentos que acredito que serão úteis para você (quando você existir) (...) venho te contar como escolhi ser professora, como escolhi a profissão em que pretendo atuar por toda minha vida. Tenho que admitir que não foi algo que eu sempre quis, na verdade, eu decidi em menos de um ano que queria cursar Biologia, antes disso eu queria ser Engenheira. Sempre gostei de exatas, mas no segundo ano me apaixonei por Biologia, tinha uma professora incrível, daquelas que te inspiram. Sabrina Paschoal, ela era linda, engraçada e muito inteligente, tinha uma didática inigualável, eu esperava pela aula dela.” (REMETENTE III)

A maternidade surge como uma obrigação para a vida, planos e objetivos da mulher. Muito se fala sobre o poder de gerar a vida e a construção social por trás daquilo que chamam de instinto materno. Calafate (p.04, 2014) faz uma revisão bibliográfica acerca de como esse conceito se construiu ao longo dos séculos:

Segundo tais autores é possível pensar que à concepção do dito “instinto materno” nasce inicialmente da necessidade de assegurar sobrevivência dos descendentes além da preocupação de que a mão-de-obra se tornasse escassa tendo em vista os índices decrescentes de natalidade. Assim, somos levados a crer que o tão falado “instinto materno” é na verdade uma construção cultural criada para sanar uma necessidade social, e que ao longo da história foi sendo reforçado por instituições até que viesse a se tornar um hábito. (CALAFATE, p. 04, 2014)

Mas e a mulher que não tem o anseio de vivenciar a maternidade? No mundo moderno se dá muito mais espaço para essa discussão, mulheres podem ir e vir e ser o que quiserem. Mas qual o limite de esse ir e vir? As cartas nos trazem então uma reflexão muito importante e que diz respeito a como a maternidade se faz presente na vida de uma mulher. Nos três relatos vemos semelhanças: a mãe enquanto responsável por ser exemplo, defensora, presença, por desejar que seu filho seja capaz de almejar e desfrutar do melhor, para Resende (apud Badinter 1985, p.239)

há uma imposição e poder nesse modelo de maternidade que tem como consequência quase que uma condenação moral daquelas que não são capazes de segui-lo.

Torna-se necessário problematizar esse aspecto para que possamos compreender essa figura e discutir as consequências que ela tem na vida de uma mulher. Trago aqui um exemplo cotidiano para que seja possível visualizar: quando uma criança ou adolescente demonstra desamparo, a primeira pergunta que se faz é “esse indivíduo não tem mãe?” Com essa pergunta, podemos questionar de volta “e pai?” Então será que a paternidade se faz tão presente na vida de homens quanto a maternidade na de mulheres?

Toda essa discussão diz respeito ao poder que a maternidade exerce na vida de uma mulher e a intenção é unicamente problematizar essa imposição pois quando ela existe, anula quaisquer outras possibilidades de escolha. Temos então um comportamento dado como instintivo, sendo produto de toda uma construção social, que se faz acreditar na maternidade como inerente à mulher exercendo poder sobre os modos de vida. A carta da remetente III possibilita essa discussão quando é dedicada a uma filha que ainda não existe, mas há tanto poder e desejo na escrita que se torna possível enxergar como ela irá se portar para com essa filha. O peso da figura materna é tão evidente até naquelas que ainda não tiveram essa vivência.

Há idealização da maternidade na sociedade moderna. Expressões como amor incondicional e “padecer no paraíso” são expressões usadas com frequência e precisam ser problematizadas. A sociedade precisa parar de idealizar a maternidade, quem sabe assim, apenas mulheres e homens que desejassem exerceriam a maternagem, e as crianças, ganhariam com isso.

Em todas as cartas, é explícita a presença de mulheres que influenciaram no processo formativo das estudantes mulheres. A remetente III revela a importância que teve uma professora na escolha da sua profissão e a descreve como “linda, engraçada e muito inteligente” relatando o quanto esperava pelas suas aulas e a forte influência que exerceu na sua escolha profissional. A estudante também cita que queria ser engenheira desde o começo, mas que ter como exemplo uma professora tão dedicada a fez mudar de ideia, será que se tivesse visto mulheres em outros espaços, sua escolha seria a mesma? Aqui defendemos a importância da representatividade da mulher nos espaços referentes a C&T, que geralmente não a vemos.

Outro aspecto muito presente nos discursos, que de certa forma, se relaciona com o primeiro foi a instituição família. A remetente IV escreve ao pai e discorre sobre a sua trajetória profissional e o impacto que a relação de ambos a causou:

“E eu sempre te admirei, admirei sua garra quando você voltou a estudar e realizar seus sonhos depois de tanto tempo (...) quando eu não passei no curso de Biologia em nenhuma universidade e passei em Análise e Desenvolvimento de Sistemas na Fatec, você teve medo que eu não fizesse faculdade alguma e me obrigou a fazer algo que eu não queria.... Quando eu desisti e disse que se eu tivesse o diploma, poderia rasgar porque não me serviria de nada, eu não queria te magoar (...) aprendi a me comunicar minimamente com os alunos e tentar entender suas motivações e sei que ainda tenho muito mais a aprender com relação a isso. E penso que se eu desanimar, isso não é mais um problema, porque descobri que posso achar outra maneira de fazer a diferença e que eu me sinta útil” (REMETENTE IV)

A remetente da carta V também remete ao seu pai e parece externalizar seu desejo pelo reconhecimento paterno frente às suas escolhas, no caso, profissional.

“Eu nunca tive a oportunidade de esclarecer a escolha do meu curso (...) Depois de um tempo de reflexão me veio algumas lembranças, me lembro de correr o tempo todo atrás de você no sítio, você explicava tudo para mim, com muito amor e carinho, às vezes repetia a mesma coisa várias vezes, (...) Me encontrei muito frustrada quando mencionei que faria um curso de biologia, você retrucou com “você não vai ser ninguém na vida, vai ser só uma professora, mas quero deixar claro que me sinto realizada nessa trajetória, queria reforçar que nós professores e educadores merecemos respeito” (REMETENTE V)

Em ambos os relatos que coincidentemente são dedicados à figura paterna, encontramos uma particularidade muito relacionada à necessidade do reconhecimento e da aprovação dos pais e até justificativa para algumas ações. A remetente IV, relata sobre o momento em que desistiu de realizar um curso que já não fazia mais sentido a sua vida e justifica que em momento algum teve a intenção de magoar o pai, já a remetente V diz sobre o fato de nunca ter esclarecido ao seu pai a escolha do seu curso e a sua frustração da reação dele, quando revelou a escolha da sua profissão, mesmo que a maior influência tenha sido o próprio pai. Essa influência e admiração se faz presente em ambas cartas e demonstra a importância da figura paterna e da instituição família como um todo no processo de escolha profissional.

Santos (apud Lucchiari, p. 59, 1997) também traz sobre essa relação familiar e a profissão docente.

Esses projetos de vida descritos por Lucchiari (1997) dependem das expectativas dos pais e dos filhos em relação ao futuro, nos seus aspectos conscientes e inconscientes, das motivações e desejos dos pais em relação à escolha profissional dos filhos, que poderão substituir uma escolha que o pai não pode fazer ou superar a situação social no qual a família se encontra. A escolha profissional é uma oportunidade de provar a lealdade à família e de cumprir com a sua missão não apenas individual, mas familiar. (SANTOS apud LUCCHIARI, p. 59, 1997)

A questão do reconhecimento deve ser discutida e problematizada para além da figura paterna. Há fortes indícios nas cartas das remetentes mulheres nas/das ciências, uma necessidade de reconhecimento e aprovação. Trazendo novamente a problematização do empoderamento, observa-se que provar que pode lidar com todos os desafios, preconceitos e machismos demonstra também uma necessidade de reconhecimento de uma força que sim, pode existir, mas que coloca mais um peso na condição de mulher em corpo. Para evitar processos discriminatórios e comparativos, é comum encontrar discursos performativos, de corpos dóceis, visando a aceitação e normalização.

Ainda, não com menos força, a experiência individual também marca as cartas dessas remetentes mulheres. Relatos que discutem o corpo da mulher no meio acadêmico e profissional e as nuances do processo formativo, marcam a carta da remetente VI, dedicada a mulheres licenciadas:

“Eu nem sempre pensei em ser professora. Sinceramente, eu caí de paraquedas depois de tomar vários tombos na vida e, no fim, eu felizmente acabei me encontrando (...), mas preciso ser sincera com você. Eu amo o fundamental. Mas eu tenho medo do ensino médio...eu sou mulher. E além disso, apesar de ter 24 anos, tenho “cara e altura” de uma pessoa muito mais nova. Eles são todos, desde os 11 anos, mais altos do que eu. E eu tenho esse medo. Eles não vão me respeitar. E se eles disserem coisas obscenas? Eu vivo isso na minha vida...toda vez que piso fora de casa eu tenho uma crise de ansiedade porque eu sei que um homem vai mexer comigo, e às vezes, os homens vão além, já me ameaçaram de morte na rua por não corresponder (...) cada fala machista ou desrespeitosa, eu pergunto, “mas por que isso?” E insisto. Insisto porque machismo não tem resposta. E eu, como professora, estou ali para ensinar, para ajudar. Mas isso não me deixa com menos medo.” (REMETENTE VI)

A remetente VI traz como um elemento muito importante a construção da imagem e da identidade da mulher e as sensações de medo e angústias atreladas a tal imagem. Tiburi (2018) argumenta o quanto o patriarcado é capaz de silenciar a opressão vivida diariamente por mulheres, como a que se traz nesse relato, e diz sobre essa marcação da identidade revelando que por mais que a autoimagem seja a autenticidade que vemos em nós mesmos, para as pessoas que são marcadas - como as mulheres - essa visibilidade acaba sendo negativa. Aproximando essa discussão da imagem também marcada de professora, mesmo que em uma posição de poder, como dentro de uma sala de aula, existe um medo e questionamento do que vestir e como se portar para ser aceita. Em contrapartida, esse traço da profissão docente que muito se relaciona a transformação de uma sociedade evidencia que acima desse medo deve haver um ímpeto de mudança capaz de transformar, pouco a pouco, essa imagem.

Quanto a esse processo relacionado a identidade daquele que é educador, o estereótipo que se constrói ultrapassa aspectos físicos e de autoimagem, atingindo também o social., Fontana (p. 105, 2000) debate a construção de mulher-professora a partir da sua própria trajetória, visando as singularidades e subjetividades dessa relação:

Não somos apenas professores, mas um feixe de muitas condições e papéis sociais, memória de sentidos diversos. Nós, professoras, somos mulheres numa sociedade ainda patriarcal. Somos mães, mas também filhas, netas e irmãs e ainda esposas ou "tias", "rainhas do lar", companheiras. Somos brancas, não-brancas, quase brancas, embranquecidas numa sociedade vincada pelo racismo. Aprendemos cantando que somos pobres ou ricas, de "ma-ré-de-si", numa sociedade dilacerada pelas desigualdades, em que nossa condição de assalariadas, ainda que nos agregue a muitos outros trabalhadores, é vivida, mesmo entre nós, de modo desigual, implicando grandes diferenças: moramos diferente, vestimos diferente, estudamos em escolas diferentes, ensinamos em condições diferentes a crianças também diferentes. (FONTANA, p. 105, 2000)

Seria então esse feixe de diversas condições uma oportunidade de trazer essa diferença também para o que esperamos do futuro e das próximas gerações? Pensando que quando você educa, essa educação é para o presente, mas

principalmente, para o futuro, para darmos oportunidades a essas vidas que são impactadas por esse ensino de repensarem as suas ações futuras, como a construção da imagem. Esse enraizamento de padrões se faz presente até quando temos consciência da sua existência, a desconstrução é então um processo muitas vezes árduo, mas necessário. Como é citado na própria carta, o papel do professor está também atrelado a permitir novas possibilidades de olhares para além do que se vê nos livros didáticos, um olhar da diferença.

Fontana (2007) discute essa visão que ultrapassa a relação tecnicista do ensino. Na década de 80 quando novos estudos tiveram como foco a prática da atividade docente e a relação do professor com o seu eu profissional e pessoal possibilitando novos olhares, a representação do papel do professor ainda esteve e está atrelada a condição feminina, considerando que a atuação enquanto professor se dá por vocação e amor, nada além disso. Essa idealização do modelo, de no caso professora, impede que seja considerada a transformação do profissional, a adequação a novas imagens e contextos.

A remetente VII tem como destinatário uma professora importante na sua trajetória,

“O que quero te dizer, é que por mais que seus alunos nem sempre estejam interessados em estar na sua aula, se eles vão aparecer ou não, não é culpa sua, você genuinamente e com muita coragem está realizando um lindo trabalho. Não é fácil ser tirado de nossa zona de conforto, não é fácil contar com a disponibilidade do próximo para realizar nosso trabalho, o ato de ensinar por si só já algo muito difícil, ser professor não é fácil, mas pessoas como você e minha professora do ensino, inspiram pessoas como eu a serem melhores, a ter novas perspectivas, e ainda querer ajudar na formação de novos seres. Pessoas, mais especificamente mulheres como vocês não podem parar, o trabalho de vocês é excelente, o mundo precisa de você, dela, de nós.” (REMETENTE, VII)

Nessa carta encontramos uma característica que se fez presente também em outros relatos: a figura da mulher. Essa figura na vida de outras mulheres vem com uma carga de influência e de poder enxergar a si em outros lugares, da trajetória vivida em conjunto e a importância dessa união. Além disso, é feita uma reflexão muito importante acerca dos desafios pedagógicos do contexto atual de pandemia e como o trabalho do professor se tornou de fato um desafio quando diz respeito ao

engajamento dos alunos e novamente a educação carregando um caráter de transformar vidas.

5. SAUDAÇÕES FINAIS

São diversas as possibilidades de desfecho para o trilhado nesse percurso. Optei por um texto tipo saudações finais, em que me despeço desse caminhar, mas não dos pensamentos e afecções que me foi proporcionado. Também não ousaria concluir cartas, mas compartilhar os fluxos que as mesmas me causaram.

Com relação ao processo formativo das professoras, foi possível perceber a ausência da possibilidade da escrita de si, de relatar o que se sente e não se fala. O meio acadêmico é fortemente marcado por uma racionalidade técnica e uma objetividade para propor suas ações, o que acaba afastando questões individuais, as corporeidades e emoções do processo formativo.

Quando nos aproximamos dos cursos relativos a ciências naturais o afastamento é tão grande que pode se dizer que falar sobre singularidades é inexistente. É interessante ressaltar que o curso de Ciências Biológicas faz uma conexão muito grande entre os espaços: são diversas matérias no campo da educação e que por consequência possibilita outras vivências por estar muito focado no contato com o outro e consigo mesmo e outras matérias muito focadas no campo das ciências duras, esse muito mais tradicional e conservador.

As cartas pedagógicas vieram como uma oportunidade de fazer com que essas singularidades ecoassem entre as estudantes e dessa forma proporcionar uma aproximação desses corpos e suas histórias. Devido a essa possível diferenciação no processo formativo, usamos no título desse trabalho a ideia de processo (des)formativo de mulheres nas ciências. O uso de cartas traz a diferença ao processo formativo, majoritariamente pautada na racionalidade e objetividade.

Ao ser usado em uma pesquisa, que problematiza as mulheres nas/das ciências biológicas, as cartas também proporcionaram um processo de pesquisa em que as mulheres não são o objeto de pesquisa e sim a pesquisa é um encontro de mulheres e suas singularidades, subjetividades e emoções.

O encontro que possibilitou esse trabalho diz muito sobre como ele se desenvolveu. No final de 2019 conheci a professora Carolina Souza, também orientadora deste trabalho. No decorrer de suas aulas percebi o quanto tínhamos em comum e sabendo que ela pesquisa também sobre a temática das mulheres nas ciências, vi despertar em mim algo que sempre me brilhou os olhos. Nesse trabalho de conclusão de curso, o ser mulher está exemplificado e problematizado pelos corpos de mulheres, assim identificadas no curso de Ciências Biológicas, período noturno, da UFSCar.

Ao final desse caminhar, me coloco a pensar e questionar qual mulher está inserida no meio acadêmico científico? A mulher que vivencia a maternidade, dedica cartas ao companheiro e nos mostra o peso da figura paterna? Que mulheres têm tido representatividade nas ciências naturais? Percebemos uma restrição de tipos de corpos nesse ambiente. Não encontramos cartas que revelam outras possibilidades. O ser mulher que encontramos frente ao trabalho ainda reluz corpos normatizados, não diversos.

Onde estão esses outros corpos? O meio científico possibilita o diálogo com tal diversidade? Essas são questões nas quais o presente trabalho de conclusão de curso pode contribuir, possibilitando novas percepções, reflexões e revelando outros olhares, na perspectiva de expandi-lo, sabendo que tão importante quanto fazer ciência e educação é compreender quem os faz.

REFERÊNCIAS

AMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. **CARTAS E ESCRITA**. 2000. 142 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 207-228, abr. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2008000100020>.

CALAFATE, Jaqueline Medeiros Silva. **O “INSTINTO MATERNO” COMO UMA CONSTRUÇÃO DE GÊNERO: DISCUSSÕES ACERCA DO DESEJO DE AMAMENTAR**. 2014. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Desenvolvimento Regional, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2014.

CHASSOT, Attico. A CIÊNCIA É MASCULINA? É, sim senhora!, Contexto e Educação - Editora UNIJUÍ - Ano 19 - nº 71/72 - Jan./Dez. 2004 - P. 9 – 28. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1130> >. Acesso em: 23 de julho de 2020.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Paris, v. 17, n. 51, p. 523-536, dez. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782012000300002>

FONTANA, Roseli Cação. Trabalho e subjetividade. Nos rituais da iniciação, a constituição do ser professora. **Cadernos Cedes**, [S.L.], v. 20, n. 50, p. 103-119, abr. 2000. FapUNIFESP (SciELO).

FONTANA, Roseli. **Como nos tornamos professoras?** São Paulo: Autêntica, 2007

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, [S.L.], v. 1, n. 116, p. 21-39, jul. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-15742002000200002>.

GODOY, Luciana Bertini. **Uma carta... um espaço entre dois**. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062010000100006.

LIMA, Betina Stafanello. **Teto de vidro ou Labirinto de Cristal? As Margens Feminina das Ciências**. 2008. 133 f. Dissertação (mestrado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Cap. 1.

ROSENTHAL, R. **Ser mulher em Ciências da Natureza e Matemática**. 2018. 106 p. Dissertação (Mestrado Interunidades em Ensino de Ciências) - Instituto de Biociências, Instituto de de Química e Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

RESENDE, D. K. **MATERNIDADE: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL.** Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, v. 2, n. 4, p. 175 - 191, 5 jun. 2017.

SANTOS, Larissa Medeiros Marinho dos. O papel da família e dos pares na escolha profissional. **Psicologia em Estudo**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 57-66, abr. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-73722005000100008>.

SILVA, Fabiane Ferreira da. A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA CIÊNCIA: PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE AS DIFERENÇAS DE GÊNERO. **Labrys Estudos Feministas**, Rio Grando do Sul, v. 10, n. 10, p. 1-25, jul. 2011.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.** Porto Alegre/salvador: Eduneb, 2006

TIBURI, M. Feminismo em comum: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos , 2018

TUESTA, Esteban Fernandez; DIGIAMPIETRI, Luciano Antonio; DELGADO, Karina Valdivia; MARTINS, Nathália Ferraz Alonso. **Análise da participação das mulheres na ciência: um estudo de caso da área de ciências exatas e da terra no brasil.** Em **Questão**, [S.L.], v. 25, n.1, p.37, 1 jan. 2019. Faculdade de Biblioteconomia Comunicacao. <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245251.37-62>.

Valentova et al. (2017), **Underrepresentation of women in the senior levels of Brazilian science.** PeerJ 5:e4000; DOI 10.7717/peerj.4000

XAVIER, Libânia Nacif. A construção social e histórica da profissão docente uma síntese necessária. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 19, n. 59, p. 827-849, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782014000900002>

ANEXO A – PROPOSTA DE ATIVIDADE FINAL DA DISCIPLINA DE ORIENTAÇÃO DE ESTÁGIO EM CIÊNCIAS

Começamos o curso destacando a surpreendente colcha de diversidades ideológicas que compõem as pessoas. O documentário HUMAN revela nuances da diversidade humana nos quatro cantos do planeta. E pensamos juntos somos únicos, nesse caminhar de decidir e viver a formação de professores. Cada um de vocês carrega histórias que passam por suas subjetividades, diversidades, afetividades, corporeidades, “identidades”, emoções que também são fundamentais na formação dos pesquisadores e professores das ciências biológicas e impactam a formação de profissionais dessa área. Nessa atividade você irá escrever uma carta a alguém com quem queira compartilhar sua experiência pessoal, do/no exercício de escolher e se formar professor de Ciências Biológicas. A ideia da carta é mergulhar nessas singularidades. Uma escrita de si. Uma carta é uma narrativa. Paulo Freire enquanto secretário de educação na gestão de Luíza Erundina em São Paulo, enviava cartas aos professores. Através da escrita de cartas podemos registrar experiências, memórias, sentimentos, projetos de futuro, fatos do cotidiano, que a partir da leitura refletida e compartilhada, poderão ser problematizados, ampliados, relacionados com as experiências de outros sujeitos em uma relação dialógica de intensa comunicação consigo e com outros. Quem escreve uma carta, pressupõe a existência de um outro, ainda que um outro de si. As cartas são um espaço e um suporte para a escrita narrada, quase que uma conversa e talvez também por isso, uma prática a ser apropriada, no sentido de resgatar as situações de encontro e comunicação entre as pessoas. Aqui você pode escolher a quem se destinará sua carta: um colega de curso, um amigo, um parente, o professor com quem estagiou, um professor da educação básica, um professor do ensino superior... enfim, a quem esse discurso narrativo busca encontrar canais de comunicação e afecção. Mas atenção: uma carta não é um e-mail. OBS. Essas cartas não necessariamente chegarão ao destinatário, tampouco serão debatidas e lidas durante nosso curso, sem o consentimento do remetente. Que venham as “Cartas dos estagiários, futuros professores de Biologia”